

Rito e devoção entre as Mulheres Marujas na Festa de São Benedito, Bragança-PA

Ester Paixão Corrêa (PPGA-UFPA)
Edna Ferreira Alencar (PPGA-UFPA)

RESUMO

A Festividade de São Benedito realizada na cidade de Bragança, estado do Pará, no mês de dezembro, reúne uma multidão de fiéis que ao longo de 8 dias participam de vários ritos que fazem parte desse ritual maior, dentre os quais está a Marujada, o mais importante, onde as mulheres “marujas” possuem um papel de destaque. O objetivo deste trabalho é descrever a estrutura da Marujada e analisar as percepções de homens e mulheres sobre o protagonismo das marujas nesse ritual onde se destaca a Capitoa. Os dados etnográficos resultam de pesquisa realizada para elaborar monografia de conclusão de curso, e do projeto de mestrado. Na análise utilizamos conceitos de festa e ritual, destacando o debate em torno da definição desses conceitos, onde a festa é pensada como um evento que contém uma estrutura, regras e apresenta um conjunto de símbolos e significados que são utilizados para reforçar elementos da vida de uma coletividade, além de expressar sua identidade (GUARINELLO, 2001; SILVA 2013; PEREZ 2012); o ritual é aqui pensado enquanto “sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica” (PEIRANO, 2003). Na conclusão mostramos que a Marujada contribui para reforçar a solidariedade e comunalidade entre os participantes, reforçado pela parceria existente entre a Capitoa e as Marujas, onde aquela exerce papel fundamental na organização dos ritos, como expressão do feminino e também de autoridade, pois todos/as lhe prestam reverências e a reconhecem como comandante da Marujada.

Palavras-Chaves: Marujada; Bragança; Marujas; Capitoa.

INTRODUÇÃO

O município de Bragança-Pará, localizado na região denominada de bragantina, abriga uma grande manifestação religiosa denominada de Festa de São Benedito, que ocorre no mês de dezembro. A exemplo de outras festas populares de caráter religioso que ocorrem no Brasil, a festividade de São Benedito compreende um conjunto de atividades rituais que tem seu momento de ápice no mês de dezembro, quando os fiéis e devotos, de forma individual ou coletiva, fazem oferendas para agradecer a São Benedito pelas graças alcançadas. Essas atividades podem possuir características sagradas ou religiosas, e também profanas.

Esta festa contém em sua estrutura uma série de pequenos rituais, como a procissão, as missas, o arraial, a chegada da última comitiva de esmoladores¹, ou ainda a alvorada, que é a queima de fogos no momento em que o mastro é hasteado. A Marujada, que se tornou o principal destaque desta festa, e é considerada como uma das principais manifestações de cultura popular que ocorre nessa região, se destaca como o espaço onde são fortalecidos os laços de solidariedade e o sentido de comunidade entre os participantes, simbolizados pela parceria que existe entre a Capitoa e as Marujas. Assim, tanto a Festa de São Benedito quanto a Marujada são duas manifestações que são acionadas para a afirmação da identidade dos moradores de Bragança, na medida em que contribuem para a construção de um sentimento de pertença, ou de “bragantidade”² (FERNANDES, 2011).

A festa, como um todo, pode ser considerada como uma celebração coletiva que marca um momento de passagem na vida dos fiéis devotos de São Bendito e que se aproxima do que Van Gennep chama de um rito de calendário (2011). Os moradores de Bragança ao criar esses intervalos na vida social (Leach, 1974), realizando esses rituais que fazem parte de um calendário de manifestações de cunho religioso e também profano, como a festa de São Bendito e a Marujada, e que todo ano tem (Prado, 2007) atribuem a eles significados e também criando um tempo que é social (Elias, 1998), para celebrar, reforçar laços de solidariedade e de troca de dádivas, tanto entre os fiéis, como entre esses e o Santo. O objetivo deste trabalho é descrever e analisar o protagonismo das mulheres na Marujada que é um ritual que acontece dentro da Festa de São Bendito, com destaque para as personagens da Capitoa e das Marujas. A Capitoa exerce papel fundamental na organização e realização deste ritual, podendo ser considerada como uma personagem que contém atributos considerados como característicos do gênero feminino, como a dimensão estética e, ao mesmo tempo, agrega atributos culturalmente associado ao masculino, como o exercício da autoridade, pois as demais personagens lhe prestam reverência e a reconhecem como comandante da Marujada. A análise pretende mostrar o lugar que as mulheres ocupam na Marujada, especialmente sobre o protagonismo da Capitoa e das marujas, procurando mostrar

¹ Há três comitivas (comitiva do santo dos campos, das colônias e da praia) que durante grande parte do ano (abril a novembro/dezembro) realizam esmolações em áreas geográficas determinadas. A comitiva do santo da praia é a última comitiva a chegar no dia 08 de dezembro, e vem pelo Rio Caeté, desde a Vila do Camutá, comunidade que se situa na outra margem do rio, onde foi erguida a primeira capela para São Benedito. É um dia muito simbólico (Fernandes, 2011).

² Fernandes (2011) usa esse termo em seu livro, citando o poeta Gerson Guimarães, para se referir à identidade dos moradores de Bragança.

como as mulheres se percebem, e são vistas pelos homens, e qual o significado do personagem Maruja que elas protagonizam neste ritual.

O material etnográfico analisado resulta de pesquisa realizada entre os anos de 2011-2013 para elaborar monografia de conclusão de curso (Corrêa, 2011), cuja coleta ocorreu a partir da realização da observação participante, que permitiu a convivência e aproximação com os sujeitos principais que realizam a Festividade de São Benedito, em distintos momentos da festividade; a realização de entrevistas formais e informais. Dentre os principais interlocutores estão cinco mulheres e quatro homens, dos quais oito são marujas/os que participam ativamente da produção, organização e realização dos ritos desta festividade, e um dos homens é o presidente da Irmandade de São Benedito.

Para realizar a análise destes dois rituais buscamos nos situar no debate que envolve a discussão sobre o conceito de festa e ritual, destacando nesse debate o conceito de festa pensada como um evento que contem uma estrutura, contem regras e apresenta um conjunto de símbolos e significados que são utilizados para reforçar elementos da vida de uma coletividade, e que expressa sua identidade (GUARINELLO, 2001; SILVA 2013; PEREZ 2012); e o de ritual como “sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica” (PEIRANO, 2003).

RITO E FESTA COMO FORMA DE DEVOÇÃO

Na Antropologia vários autores se debruçaram na abordagem dos ritos como parte da estrutura social de determinadas comunidades, e como parte da dimensão simbólica e dos valores que formam a cultura dessas comunidades. Dentro de uma sociedade complexa, algumas formas de expressão e de celebração religiosa que buscam reverenciar e celebrar o sagrado, materializado na figura dos santos que fazem parte do panteão da religião católica, tem sido denominados como manifestação de cultura popular, para referir as formas de expressão de certos grupos que não dominam ou controlam os espaços de produção hegemônica de símbolos e valores que formam uma determinada sociedade. O estudo sobre essas manifestações, como as festas em homenagem aos santos católicos, despertam crescente interesse de pesquisadores uma vez que busca-se estudar as pluralidades culturais tomando os espaços tradicionais e o universo simbólico que o transcende, como material de análise de sistemas de crenças, de costumes, saberes e de relação com o sagrado, que expressam o modo de vida de determinadas sociedades. Autores como Durkheim, Levi-Straus e Edmund Leach, ou

ainda Mariza Peirano, contribuíram com a construção da teoria de ritual na Antropologia, nos levando a pensar o ritual como uma possibilidade para compreender os aspectos da vida social, como a maneira de pensar e viver, aproximando esses dois polos, o que fica claro em Leach ao dizer que ritual serve para dizer coisas sobre o modo de vida de social.

Peirano (2006, p.10) chama a atenção para a natureza coletiva dos rituais que “podem ser vistos como tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados, mais estáveis e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já recortados em termos nativos”. Estes rituais, por serem estruturados, são ricos materiais para a análise antropológica dos modos de vida dos que neles estão inseridos ou no meio em que estes estão inseridos, pois os ritos e outros comportamentos sociais não se separam, eles revelam conflitos e as visões de mundo dos grupos onde eles ocorrem. Nesse trabalho, ao analisarmos a Marujada, e o contexto maior que é a Festa de São Bendito, estamos buscando os sentidos que esses ritos possuem para seus praticantes, significa compreender as visões que permeiam o universo cultural desses ritos.

Tomamos aqui a discussão de Peirano (2003) sobre ritos, quando procura mostrar que na visão da sociedade moderna ritual é considerado um fenômeno ultrapassado, com noções negativas, Na sua análise procura destacar o quanto os rituais estão presentes nas representações sociais rotineiras, e que não ocorrem apenas em eventos extraordinários. Situa a antropologia como a disciplina capaz de analisar as “tonalidades e nuances” (p. 7) a respeito do ritual, mostrando como na antropologia, o conceito de ritos se pautou na dicotomia entre comportamentos racionais, utilitários e profanos de um lado e não-rationais, místicos e sagrados de outro, sendo estes considerados ultrapassados por alguns autores, enquanto outros acreditavam ser uma possibilidade de explicar as formas de sociabilidade. Posicionados desse lado estavam Durkheim e Marcel Mauss (p. 13), para os quais rituais e representações eram indissociáveis e determinantes na vida de uma sociedade, e a sobrevivência de um ritual depende de uma comunidade unida em torno de determinados valores.

Ainda segundo Peirano (2003) outro importante autor a discutir ritos e mitos foi Lévi-Strauss também faz a analogia mito-representações, ao evidenciar a racionalidade nos povos “primitivos” e assim como Durkheim posiciona de um lado as ações, de outro o pensamento; uma antinomia do ser humano: o viver e o pensar. Um autor que trouxe novas contribuições para esse debate foi Edmund Leach (1996) que a partir de Durkheim, Mauss e também Levi-Strauss, avança na discussão sobre o conceito de mito

e ritual, que os considera como sendo a mesma coisa, e defende que pensamos e vivemos de forma similar, ou seja, para Leach “ritual é uma declaração simbólica que “diz” alguma coisa sobre os envolvidos na ação” (p. 76).

Para este trabalho, considerando os rituais como um complexo de palavras e ações, uma espécie de linguagem nos termos de Peirano, buscamos compreender a partir do olhar “nativo”, o que o ritual da Marujada diz, para quem participa e para quem observa.

A FESTA DE SÃO BENEDITO E A DANÇA DA MARUJADA

A Festividade de São Bendito é organizada desde 1798, pela Igreja católica em atuação conjunta com a Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, que é responsável pela organização da Marujada (ALENCAR, 2013). Essa organização polarizada (religiosa e profana) gerou uma série de conflitos entre essa Irmandade que tem sua origem nas antigas Irmandades constituídas no Brasil colonial e que tinham um duplo objetivo: por um lado foram criadas como espaços de devoção para catequizar os/as negros/as e mantê-los sob controle; e por outro lado, se configuravam como espaços de resistência e preservação cultural por parte dos/as negros/as (MIRANDA, 2006).

Segundo Carvalho (2010), a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (doravante IGSBB), formada em 1879, era uma Irmandade para negros/as escravizados/as fruto da identificação devocional compartilhada por estes, a permissão para organizar essa instituição em Bragança em louvor ao Santo Preto como espaço de devoção que despertou nos/as escravizados/as um sentimento de gratidão que foi demonstrado através de danças à porta dos senhores, o que se tornou ritual após a repetição anual. Sobre isso descreve Carvalho (2010, p. 78):

Mais especificamente no dia 03 de setembro de 1798, a pedido de 14 escravos, os senhores permitiram que fosse organizada a Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança. Em gratidão à graça alcançada, os escravos saíram às ruas de Bragança dançando em frente às casas de seus senhores, fazendo exhibições coreográficas. Tal fato repetiu-se com novos agradecimentos nos anos seguintes dando origem à Marujada, manifestação atrelada à Festa de São Benedito, comportando o sagrado popular.

O ritual tem como característica a existência de uma estrutura (PEIRANO 2002). A festa de São Benedito é um ritual que contém uma estrutura formada por vários

eventos menores, que são realizados ao longo do ciclo da festa, numa série de etapas, dentre os quais estão as danças que são organizadas hierarquicamente. Este é o caso da Marujada que apresenta uma estrutura matriarcal, onde a Capitoa comanda os Marujos e as Marujas que passeiam pelo salão realizando uma série de passos de dança, que ao longo dos anos passaram a fazer parte deste ritual. Ressaltamos que o ritual da Marujada que é realizado em Bragança difere de outras manifestações que possuem o mesmo nome e são realizados em outras regiões do país, e tem como foco principal em sua estrutura a representação de um auto.

Desde o início esse ritual esteve atrelado à IGSBB e ao longo dos anos sua realização foi marcada por disputas entre a IGSBB e a Igreja, resultando em uma série de conflitos pelo controle da festa, segundo descreve Carvalho (2010). Em 1985, como resultado desse conflito, a IGSBB se tornou uma Irmandade de caráter civil, denominada Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, que ainda mantém esse formato.

A dança da Marujada é realizada há mais de 200 anos, e na sua estrutura se observa elementos do catolicismo popular e elementos que remetem à cultura de povos de origem africana, e busca estabelecer a aproximação entre o sagrado e o profano. Segundo Silva (2006) a Marujada é o nome que se dá a um conjunto de atividades e danças que são organizadas e apresentadas em ordem ritualmente determinada durante a Festa de São Benedito, tais como a Mazurca, o Retumbão, a Roda, o Chorado e o Xote. Sua origem é resultado de um hibridismo cultural que contém elementos de danças de origem europeia, indígenas e africana. No contexto da Festividade de São Benedito é o elemento de caráter profano de maior destaque.

A festa tem início no dia 18 de dezembro com uma Alvorada³ e encerra-se no dia 31, mas algumas atividades são realizadas durante todo o ano, como a esmolação que é realizada por três comitivas formadas por devotos que saem pela cidade pedindo doações para o Santo e que iniciam no mês de abril com a chegada das primeiras comitivas em novembro; assim como outros rituais que a compõem e cujas apresentações ocorrem em outros espaços/lugares, mas se intensificam no período compreendido entre os dias 18 e 31 de dezembro e são considerados como sendo o da festa propriamente dita. Nos dias 18, 25 e 26 de dezembro são realizados os rituais de

³Silva (2003) define como o início da festividade, dia 18 de dezembro. Ocasão que as marujas usam os trajes azuis, realizam a dança da roda, acompanhadas pelos músicos, em frente à Igreja, dando início à alvorada.

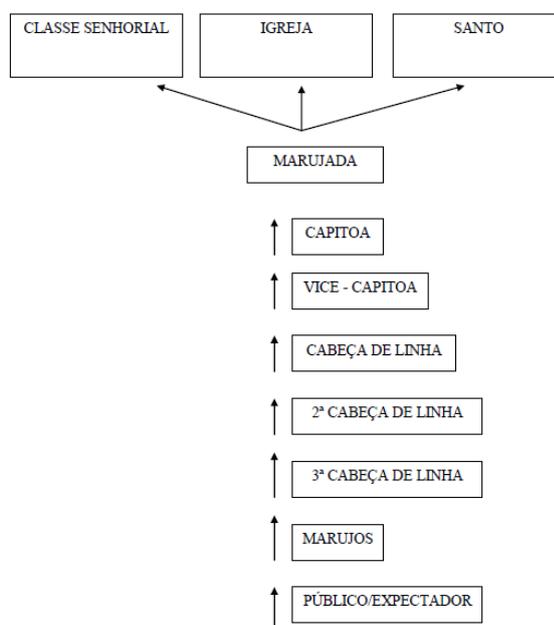
maior relevância, e que assumem uma forma extraordinária, como é o caso da alvorada, da alvorada, da levantação do mastro, do leilão, da procissão e da Marujada, realizada no barracão da festa, no dia 25, e que possui um caráter dramático, mas também lúdico e de cunho estético (GONÇALVES e CONTINS 2008). No dia 26 quando é realizada a procissão de São Benedito, as marujas participam de forma especial, que trajadas com seus suntuosos vestidos vermelhos e chapéus ornados com fitas coloridas, saem pelas ruas de Bragança para prestar homenagens ao santo (FERNANDES, 2011).

O termo dança é usado localmente para se referir à Marujada, sendo comum ouvir alguém dizer que vai “dançar a Marujada”. Dançar a Marujada é uma forma de comemorar uma graça alcançada, homenagear São Benedito pela sua intercessão, entre Deus e o promesseiro. Segundo Carvalho (2010 p. 85)

A dança ritual apresenta uma renovação na esperança e devoção ao Santo, ao mesmo tempo que é um rito cotidiano enriquecido por um rito extraordinário, possuidor de um destaque social e podem ser consideradas “como resultado das experiências como um todo, vividas num contínuo de todo o ritual”.

Nos últimos anos essa manifestação tomou uma dimensão maior do que aquela que possui a Festa de São Benedito, ao tornar-se uma das principais manifestações dentro da estrutura maior da festa, e que não pode ser dissociada. É comum ouvir alguma pessoa dizer: “Irei para a Marujada” e não “Irei para a Festa de São Benedito”. A Marujada é um espaço de devoção que está aberto a homens e mulheres e, simbolicamente, celebra o agradecimento dos devotos de São Benedito por alguma graça alcançada, tendo esse santo. Sua importância se deve tanto ao fato de ser uma manifestação associada ao catolicismo popular, enquanto forma de expressão de religiosidade, quanto ao fato de ser considerada como forma de expressão da cultura regional, e de cultura popular (CARVALHO, 2010). A dança da Marujada é um espaço de devoção aberto à todos que desejem participar, com observância de algumas regras. Cabe à Capitoa a observância da obediência às regras que funcionam como códigos de conduta (geralmente morais) que possibilitam a integração e participação nos rituais; assim como a repreensão daqueles que descumprem, e todos devem acata-las. Como mostra Peirano (2006), todo ritual comporta uma estrutura e uma ordem, ou seja, há um início, um desenvolvimento e uma conclusão. Todos que dele participam conhecem a sequência de ações e sabem onde e como termina. Na Marujada, cabe à Capitoa garantir que essa estrutura seja seguida, e que também sejam observadas as hierarquias e o cumprimento das regras.

A estrutura da Marujada apresenta uma ordem hierárquica das personagens, estando assim organizada: 1) a Capitoa, que é a principal personagem que comanda, organiza e disciplina a realização das várias etapas do ritual e também dos demais rituais que compõem a Marujada; sendo que este é um cargo vitalício; 2) a Vice-Capitoa, que é a segunda na linha de comando; 3) a cabeça de linha, que inicia a dança da roda (seguida pela 2ª e 3ª cabeça de linha) 4) as Marujas, que são as mulheres que possuem um papel importante na execução da dança; 5) os Marujos, que exercem um papel secundário como acompanhantes ou tocadores. Além dessas personagens que são de natureza permanente, há também aquelas que são transitórias, como os/as Marujos/as Promesseiro/as, que participam de alguns rituais da festa de São Benedito, como a procissão.



1 - Representação da estrutura e dos elementos que compõem a Marujada
Fonte: Silva (2003)

Na execução da dança da Marujada, que acontece no Barracão da Marujada⁴, que é um dos principais espaço da Festa de São Benedito, é possível observar a estrutura do ritual e dos elementos que o integram. De acordo com Silva (2003) existe uma

⁴ Espaço onde marujos e marujas se reúnem para participar do ritual da dança da Marujada em honra a São Benedito. “Espaço de disciplinaridade e reafirmação do grupo; onde se interpenetram as relações de saber e de poder, uma vez que, por mais livre que seja a dança, ela apresenta regras, limites demarcatórios” (SILVA, 2003). É espaço também onde ocorrem os ensaios das danças durante período que antecede a festa, considerado aqui como espaço importante por propício a intensa sociabilidade.

hierarquia que tem como representante principal a Capitoa, seguida pela Vice-Capitoa e, na sequência, têm-se uma maruja denominada “Cabeça de linha”, e esta é seguida por marujo/as. Silva não menciona, assim como na bibliografia consultada, qual a posição e o papel do Capitão nessa hierarquia.

Para Carvalho (2010), o conjunto de danças que formam a Marujada, e que são apresentadas sequencialmente, a Roda, o Retumbão, o Chorado, a Mazurca e o Xote, contem elementos da cultura dos colonizadores europeus, e também traços da cultura de povos de origem africana.

Na ordem de apresentação das danças, é a Roda que inicia o momento ritual das danças, simboliza a solicitação de permissão para dar início às apresentações. A Roda é formada apenas por mulheres-marujas que tem à frente uma Maruja que é a “Cabeça de Linha”, e sua execução consiste na formação de uma roda, onde os dançantes executam gestos e movimentos circulares.

A segunda dança é o Retumbão, que para Carvalho (2010) é o momento em que os homens podem se integrar ao ritual. Essa dança é a mais apreciada pelas marujas, e seus movimentos tem influencia do Lundu, uma dança de origem africana, na qual o marujo inicia e encerra a dança. Segundo Silva (2003, p. 21) ela é executada por dois dançarinos, que “ordinariamente deve ser o Capitão e o Vice-capitão da Marujada, que se deslocam para o centro do barracão (v.) executar rápidos volteios, estalando castanholas (v.)”. Após essa apresentação, os dançarinos saem em direção a Capitoa e a Vice-capitoa para “convidarem-na para o centro do barracão de dança, batendo cada um fortemente com os pés em direção à sua escolhida”, enquanto realizam volteios e troca de pares (Silva 2003, p. 21).

A terceira dança é o Chorado, que possui ritmo mais lânguido, e tem uma coreografia semelhante a do Retumbão, que é executada também pelo Capitão. A terceira dança é a Mazurca, que é uma dança de salão de origem europeia em que se dança em pares, porém ao longo dos anos incorporou outros elementos próprios da marujada, como o fato de ser dançada com os pés descalços. Por último, está a Valsa que também é de origem europeia e é dançada em pares livres, como uma dança de salão (SILVA 2007).

(AUTO) PERCEPÇÕES SOBRE O PAPEL DAS MARUJAS

Na Marujada nos chama a atenção a presença majoritária das mulheres tanto na organização da festa quanto na realização das danças, e por ocuparem os principais cargos que estão no topo da hierarquia. Elas também são destaque até nos ritos mais importantes da festa de São Benedito, como a procissão que ocorre no dia 26, onde sua presença se faz perceber pela suntuosidade dos trajes. Vestidas com seus trajes compostos por saias longas com cores que variam de acordo com o dia da festividade (azul ou vermelho), com chapéu ornado de penas de pata brancas, e de fitas coloridas que se estendem até próximo ao chão, sendo uma dessas fitas na cor preto, para simbolizar a cultura negra de onde se originou a dança da Marujada. Enquanto os trajes dos homens são simples, geralmente de uma única cor, o branco, assim como o chapéu branco que possui apenas uma fita vermelha como adorno (alguns marujos usam um espelho como adorno no chapéu).

As mulheres que participam da Marujada são de diferentes faixas etárias, e condições econômicas distintas. A maioria vive nos bairros situados na periferia da cidade de Bragança e exerce diferentes atividades econômicas, e também ocupam funções distintas na sociedade local. Porém no espaço da Marujada e da festa de São Benedito, elas são as personagens centrais nos rituais secundários que compõem a festa de São Benedito como um todo, e formam uma coletividade ao partilhar interesses comuns, uma mesma devoção e realizar ritos que reforçam laços de solidariedade.

Embora não tenham o controle político da festa, pois este está nas mãos de pessoas que pertencem às famílias de maior poder aquisitivo de Bragança (CARVALHO 2010), nesse momento da festa, principalmente durante a realização da procissão e da Marujada, as mulheres são as principais personagens. Portanto, podemos afirmar que se trata de um ritual onde a presença das mulheres ocupando os cargos situados no topo da hierarquia, sugere a presença de elementos de um matriarcado, onde todos/as são comandados/as pela Capitoa.

A partir de entrevistas realizadas com três homens, todos marujos com idade entre 21 e 34 anos; com o presidente da irmandade com a idade de 55 anos; e com cinco mulheres, na faixa etária de 32 e 74 anos, todas marujas associadas ou não à Irmandade da Marujada de São Benedito, mas que participavam dos rituais da Marujada, foi possível analisarmos as percepções de marujos e marujas a respeito da presença das mulheres na Marujada, como se segue a análise abaixo (CORRÊA, 2014).

⁵ Os dados foram coletados durante pesquisa de campo realizada em Bragança no mês de dezembro de 2013 antes e durante a festa de São Benedito (CORRÊA, 2014).

Dona Rosa⁶, 74 anos, participa como Maruja há 28 anos, fala enfatiza que com a chegada do mês de dezembro as mulheres iniciam os preparativos para a festa, que consiste na realização dos ensaios para as apresentações que ocorrerão nos dias 25 e 26 de dezembro. Na fala da Dona Rosa fica evidente uma percepção da participação na festa e na Marujada como um momento não apenas de devoção e pagamento de promessas e realização de oferendas a São Benedito, ou seja, um tempo de estabelecer contato com o sagrado, e também como um momento de diversão, porque ocorre o encontro de mulheres de vários lugares do Brasil, que transformam o barracão de ensaios, e outros espaços da Festa de São Benedito em espaços de reencontros, de vivenciar momentos de alegria, e também de fortalecer os laços de solidariedade e de companheirismo entre as marujas:

“[...] é uma alegria *pra* gente, quando chega o dia do ensaio, do derradeiro ensaio, no dia 24. A gente se encontra, no ensaio geral, *tá* todas as marujas, de longe e de perto. A gente se abraça e a gente se gosta, sabe? Uma irmandade que a gente se ama”.

Outra mulher entrevista foi a Dona Nalu, 54 anos, que também partilha dessa visão sobre o significado da Marujada para as mulheres que dela participam, como um ritual que favorece a criação de espaços de convivência, de encontro e união:

“[...] chega nossas festas é tempo que a gente se une [...] É mais união. Acabou a festa acabou *as* união. A gente se separa, vai *pra* um canto, vai *pra* outro. Aí pronto, aí só se vê no tempo de novo da Marujada, no tempo da gente se unir de novo”.

Assim, a festa é um tempo de encontro, de união e de celebração, marcado por intensa sociabilidade, no sentido atribuído por Simmel (1989), seja nos momentos que antecedem a realização dos rituais ou das danças, seja durante a execução. Mas se no presente a festa de São Benedito permite a criação de espaços que favorecem a sociabilidade, a aproximação das pessoas que procedem de diferentes lugares, e que após as celebrações se dispersam, no passado esse ritual reunia pessoas que se consideravam parte de uma instituição, a Irmandade de São Benedito, que era marcada por laços de solidariedade, reciprocidade e de vínculos outros que extrapolavam o campo da religião, e alcançava a identidade étnica e cultural. Portanto, as mudanças que se observa hoje indicam uma perda histórica do sentido original dos ideais que davam

⁶ Atribuí nomes fictícios à todos os entrevistados, conforme termo de compromisso firmado, e conforme prevê uma pesquisa baseada na ética e na confiança entre pesquisador e sujeitos da pesquisa (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000).

sentido a Irmandade, pois significa que a união que ocorre durante a festa se contrapõe ao tempo da desunião, como destaca a fala da Dona Nalu.

A Marujada não é apenas esse momento de solidariedade, de reforçar laços sociais ou de diversão, de alegria, ela é, sobretudo, um momento de devoção onde ocorre o pagamento de dádiva, das promessas feitas para com São Benedito, e da graça alcançada, que se torna uma dádiva no sentido atribuído por M. Mauss (1974). Para Dona Rosa o ato de dançar na Marujada está relacionado ao pagamento de uma dádiva, e por isso ela tem um significado especial: “*Significa que é promessa, né? A gente fazendo uma promessa pra, enquanto for viva, sair [vestida] de Maruja. A gente tem que cumprir*”.

Para Dona Benedita, 53 anos, que é Maruja há dois anos, participar da Marujada tem o mesmo significado atribuído acima pela Dona Rosa, ou seja, como forma de pagar uma promessa, caso fosse curada de uma enfermidade, que ela seria Maruja até o fim de sua vida. Portanto, a devoção a São Bendito, que permite a realização de um pedido e o pagamento de uma promessa, norteia a vida desses sujeitos, tornando-se parte de seu cotidiano, das suas ações, e um elemento fundamental na construção de sua identidade individual e coletiva.

Com relação à importância da presença das mulheres na festa, a Dona Benedita enfatiza o papel da Capitoa como sendo uma autoridade que, segundo ela, “[a capitoa] que manda e desmanda aí”. Dona Rosa, que é Maruja, também reconhece a importância dessa participação das mulheres, representada principalmente pela personagem da Capitoa, “[...]a gente sente que é mandada por ela. A gente é mandado por ela e pelo Careca que é presidente das Marujas”. Na sua fala percebe-se que embora a Capitoa seja uma figura central, ela parece estar subordinada a um homem, que é o presidente da Marujada.

Dona Nalu⁷ também ressalta o papel de destaque da Capitoa, enquanto uma comandante, que detém poderes para organizar a festa, chamar a atenção dos participantes para a obediência às regras e para dar conselhos “[...] e aí chama a gente

⁷ Quando foi realizada a entrevista com a Dona Nalu, ela se encontrava sentada embaixo de uma árvore, trajada com sua roupa típica na cor azul, no intervalo de um ritual em que todos foram para o almoço e esta ficou aguardando, sob o intenso calor amazônico, o recomeço das atividades em frente ao barracão onde ocorrem as danças. A mesma não pode dançar nesse ano em virtude de uma enfermidade na perna, mas não deixou de se preparar com as roupas tradicionais nem tampouco deixou de estar presente (Correa, 2014; notas de campo).

atenção, ela dá os conselho. A gente tem de ouvir os conselho dela, não fazer o que a gente quer...”.

Simone, 32 anos, maruja há 13 anos, ao tratar de sua percepção diz que a Marujada já se inicia com uma mulher, atribuindo a Capitoa participação fundamental, explicando-nos sobre o lugar da Capitoa:

“Então é de grande importância porque estamos nós mulheres a frente, nós comandamos a festa, nós iniciamos a festa, com a chegada da imagem do São Benedito na nossa cidade, o que vem das três imagens, quem aguarda a imagem na chegada aqui em Bragança como nós marujas, né?”⁸

Na estrutura atual que possui a festividade de São Benedito é difícil imaginá-la sem a Marujada e, do mesmo modo, é difícil pensar a Marujada sem as mulheres, que formam a comissão de frente, que comandam a procissão, e dão início à realização da festividade.

A seguir, pode-se perceber na fala de uma entrevistada, como ela relaciona o “ser maruja” o pagamento de uma promessa, e sua emoção ao tratar do assunto. Segundo ela, sua filha foi “ressuscitada” e, por esse milagre, ela prometeu ser Maruja enquanto vivesse:

“[...] então tem uma grande importância pra mim que quando chega o mês da festividade eu..., não tem momento cansativo pra mim. É os ensaios todas as noites, eu não me importo de acordar pela manhã as 5h da manhã pra vir pra nossa alvorada, pra vir pras missa e tudo. Para mim, não tem momento ruim. É importante pra mim porque enquanto eu estou celebrando com a Marujada, a festividade de São Benedito, eu estou celebrando também ao filho de Deus né? Em primeiro lugar a Deus né? Com a interseção de São Benedito e também agradecendo a ele pela vida da minha filha”.

Essa manifestação dos sujeitos em forma de coletivo e o conjunto de rituais de identidade e de identificação, enfatizam o aspecto devocional e da dívida contraída através da promessa por uma graça alcançada. Os rituais também possibilitam a identificação, analisar antropologicamente os sujeitos que deles participam (SILVA 2006).

Dona Tatiana, 55 anos, considera que as mulheres são tudo dentro da organização da Marujada, e afirma que “*sem as mulheres não existe a Marujada*”. Ela também ressalta o papel da indumentária feminina como itens do ritual cuja dimensão

⁸ A entrevistada se refere à chegada das três imagens de São Benedito referente às chegadas das três comitivas, onde elas recebem a imagem do santo que chega pelo Rio Caeté.

estética (Gonçalves e Contins 2007) dão maior atratividade visual à festa. Quanto maior for o uso de acessórios e enfeites coloridos, maior será a beleza da festa.

“[...] o que eu posso te dizer é que as mulheres é tudo dentro da organização. Porque sem as mulheres não existe Marujada. [...] Elas que são foco da Marujada, tanto os homens e as mulheres porque faz o ritual bonito, a saia principalmente, a sua roupa, o semblante do seu vestimento, seu chapéu, a sua *paricatura* sobre a sua veste *né?* E aquilo que você usa, seus colares, suas pulseira. Quanto mais arrumada, bonita é.”

Essa interlocutora ressalta a tradição que é repassada de mãe para filha, nos contando com visível orgulho, que sua mãe é a Maruja mais antiga, e nos permitindo compreender que o sentimento de “bragantividade”, está fortemente associado à Marujada. Como bem define uma Maruja: “*Isso é uma raiz que vem no sangue*”, ao se referir a esse sentimento como se fosse algo nato, ou seja, que fizesse parte da essência do bragantino.

No que se refere à percepção dos homens sobre a presença e o protagonismo das mulheres na Marujada, trazemos aqui o relato de quatro homens, todos marujos. Segundo Carlos, 24 anos, um marujo-promesseiro que participa da procissão há cerca de cinco anos, as mulheres são a base da Marujada e a beleza da festa, principalmente através das vestimentas. Mesmo que ele demonstre não compreender ou ter a dimensão exata dos elementos que compõem a Marujada, ele consegue fazer uma leitura bastante coerente sobre o lugar das mulheres na Marujada:

“A participação das mulheres na marujada, no meu ponto de vista, é a base da Marujada e a beleza da festa, da cultura, mas não das mulheres, tipo o vestimento, o chapéu, a roupa, as danças, a herança, *né?* Da avó pro neto, da mãe pra filha e isso completa a festa. No caso da roupa, para construir um chapéu desse são seis meses de produção, e as roupas mudam de acordo com a festa, tem roupa azul, tem a roupa vermelha, [...] é as mulheres que comandam a festa.”

A percepção de que a Marujada não existe sem as mulheres-marujas, vistas enquanto instituidoras dos rituais, nos é evidenciado na fala de Frederico, 21 anos, Marujo, quando ele considera a mulher como o principal elemento da Marujada, através da figura da Capitoa, que é considerada como a maior liderança da festa:

“O símbolo é a Capitoa, porém as demais mulheres assumem um papel muito importante, pois, são elas que iniciam as danças e a procissão. Além da sua presença ter importância estrutural, são as marujas com suas saias rodadas e seus chapéus que dão as cores, a graça e a beleza a todo o evento”.

A fala do Frederico nos ajuda a compreender a estrutura organizacional e os procedimentos metodológicos da organização da festa, e perceber que esse processo organizacional também passa pelo consenso e aprovação das mulheres, em especial da Capitoa e a Vice-Capitoa. Consideremos também que além do aspecto organizacional, no aspecto de composição, as mulheres são as mais numerosas, representando a maioria dos participantes dos eventos que ocorrem durante a festa da Marujada.

Para Frederico a Marujada tem valor religioso e cultural. Sua participação nesse ritual é como forma de pagamento de promessa que foi realizada por seu pai. Ele reconhece o aspecto híbrido da Marujada que contem elementos da cultura de povos de origem africana, misturados com elementos da cultura europeia que, somados, resulta nesse festejo popular.

“A marujada é uma manifestação religiosa e cultural. Agrega elementos da cultura negra e europeia que se integram em um misto de adoração religiosa e festejo popular com música e dança”.

Francisco, 34 anos, entende a Marujada como uma organização matriarcal onde as mulheres tem participação fundamental. Para ele a indumentária feminina é um elemento que tem imensa relevância, e a Capitoa é a peça mais importante, porém considera que no processo de poder de decisão político a tradição feminina foi enfraquecendo, situando a representação feminina mais como simbólica que como indivíduos ativo no poder de decisão. Atualmente os homens são maiores responsáveis pela estrutura organizacional da festa, assim como a Igreja:

“Eu acho que já foi muito mais expressiva que hoje. Mas as mulheres, elas tem uma participação digamos, que é fundamental no processo de organização, no processo de indumentária. Mas na organização estrutural da coisa, da produção da festa, eu acho que com o tempo foi se perdendo, aí ficou muito a cargo dos homens, a cargo da Igreja. E quando a gente fala em Igreja a gente fala nos padres, não nas freiras, que elas não participam *né?* Então acho que as mulheres acabaram sendo esquecidas ao longo do tempo. Perderam o posto de organizadora mesmo, da Capitoa ser peça fundamental, apesar de ainda ser, mas não politicamente falando”.

Para Francisco, do ponto de vista político, o controle da festa da Marujada não é das mulheres, e que às mulheres cabe serem as herdeiras e promotoras da festa. A importância da presença das mulheres é destacada na sua indumentária, que proporciona o *charme* da festa, o *glamour*, fatores que, segundo ele, são fundamentais para a parte estética, beleza cênica da festa. Ele ressalta ainda a superioridade numérica das mulheres no quadro de Marujas e Marujos vinculados à Irmandade. Com relação ao

significado da Marujada, Francisco destaca todo seu envolvimento com a manifestação de forma que seu significado transcende o natural.

“[...] não há nem palavras para descrever, pra mim é algo muito doido, quando chega dezembro a gente só quer tá nessa liga aí, eu não tenho palavras não, eu acho um negócio assim fora do sério, parece que entrou assim um santo, um negócio assim uma áurea bacana, eu curto as músicas, eu curto *tá* ai com a galera, não tem explicação não.”

Para Caetano, 55 anos, as mulheres possuem um papel de destaque na Marujada, tanto na composição quanto na organização e no comando. Ou seja, são as mulheres que fazem a festa. E embora seja um homem quem preside a instituição, que representa a Marujada, a seu ele afirma que seu dever enquanto presidente é dar continuidade à tradição de realização da festa. Portanto, nos parece que as mulheres estão ausentes das articulações políticas mais importantes, mas ainda é preciso aprofundar a pesquisa para confirma essa hipótese.

“[...] a marujada ela é feita e composta pelas mulheres, então o papel das mulheres é o papel bem simples, bem ímpar. Por que eu digo ímpar; porque são elas que comandam, são elas que faz a festa. Nós temos uma Capitoa, que é ela que comanda, ela que dá as *ordi*. Nessas danças ela que finda as dança e sempre ela tá a frente da Marujada”.

É possível percebermos que para a maioria do/as entrevistada/os a participação na Marujada foi motivada pela necessidade de pagar uma promessa, onde o promesseiro, ou a pessoa que seria beneficiada com a graça concedida pelo Santo, deveria participar desse ritual até sua morte. Isso denota que a participação na Marujada se mantém não somente como compromisso religioso ao Santo Preto, mas como um compromisso intergeracional que instaura uma tradição de dádiva e contradádiva que passa de pai/mãe para filho/filha, e que ao mesmo tempo, reforça e da continuidade à devoção a São Benedito. Contudo, há quem diga que é devoto somente da Marujada⁹.

Como é possível perceber, na visão feminina, as mulheres se atentam mais para o sentido devocional, e logo se reportam à Capitoa como referência do feminino na festa. Na visão masculina, as falas referenciam a presença feminina associando-as à indumentária, ao *glamour* da festa, expondo uma visão da mulher como parte do arranjo da festa, apontando diferentes visões entre os gêneros masculino e feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁹ Fala obtida em uma conversa informal com um marujo, que não se identificava com a devoção a São Benedito, que participava da marujada pelo seu valor enquanto manifestação cultural, ele se auto intitulou apenas “devoto da marujada”.

Neste trabalho procuramos mostrar que a realização da Marujada contribui para reforçar um sentimento de solidariedade e comunidade, que é reforçado pela parceria que existe entre a Capitoa e as Marujas, onde aquela exerce papel fundamental na organização dos ritos, e logo essas se reportam à Capitoa como referência do feminino na festa, para além disso, todos/as reverenciam e reconhecem a Capitoa como comandante da Marujada.

Além disso, a participação na festa e a observação dos seus elementos, sejam os ensaios no barracão, ou ainda andar descalços pelas ruas na procissão junto e igual as marujas, como faziam os antigos escravos, permitiu perceber; sai a irmandade como organização tradicional de (ex) escravizados e, no contexto atual, tem-se um sentimento de irmandade que está vinculado não somente aos apoios ou conselhos entre Capitoa e marujas, mas também naquilo que faz com que as pessoas venham se encontrar em Bragança em dezembro, vindas das mais diferentes localidades para renovar seus laços culturais com essa tradição bicentenária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, L.F. (DES)SILENCIANDO OS RASTROS DA MARUJADA DE SÃO BENEDITO EM CRÔNICAS DA REVISTA BRAGANÇA ILUSTRADA. Nova Revista Amazônica. v. 1, n. 1, p. 48-67, Jan./Jun. 2013.

CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. A festa do “Santo Preto”: tradição e percepção da Marujada Bragantina. Dissertação (mestrado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, DF, 2010.

CORRÊA, E. Mulheres Marujas de Bragança: percepções do lugar do feminino na Marujada de Bragança – Pará. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2014.

CRUZ, Teresa Cristina de Carvalho. As irmandades religiosas de africanos e afrodescendentes. Revista PerCursos. V.8, n. 1, p. 03-17, jan./jun. 2007.

ELIAS, N. Sobre o Tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FERNANDES, J.G. S. Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural na esmolação e Marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: EDUEPA, 2011.

GONÇALVES, J. R. S. e CONTINS, M., Entre o Divino e os Homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 67-94, jan./jun. 2008.

- LEACH, E. R. Repensando a Antropologia. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LEACH, E. R. Os sistemas políticos da Alta Birmânia. São Paulo: Edusp, 1996.
- MAUSS, M. Ensaio Geral sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Antropologia e Sociologia. Vol. II. São Paulo: Edusp, 1974.
- MIRANDA, E. S., Negras Raízes Fé, Liberdade e Resistência na Irmandade de São Benedito em meados do século XIX em São Paulo. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PEIRANO, M. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. Campos 7(2):9-16, 2006.
- SILVA, C. R. da, SANTIAGO, É. de Q., TRINDADE, J. R. T. da, MELLO, N. F., PALHETA, R. C. A., FERNANDES, R. S., AMARAL, O. Marujada(s): a tradição ainda resiste. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, 2010. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-2747-2.pdf> >. Acesso em: set. 2013.
- SILVA, D. B. R.. Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- SILVA, Jair Francisco Cecim da. Glossário da Marujada. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.
- VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. Vozes. 2013.